

**Comunicação do Sr. Prof. Maia Marques, proferida na Sessão Solene  
Comemorativa do 20º Aniversário da Elevação de Avintes a Vila**

## **Avintes: 20 anos de Vila, 1111 anos de História**

Confesso que fiquei muito surpreendido, e também muito agradado, pelo convite que me dirigiu a Junta de Freguesia de Avintes para ser o orador desta sessão solene.

Surpreendido porque não sou um avintense. Tenho cá bons amigos, gosto da Terra, a minha mulher é professora efectiva da Escola de Avintes, sou confrade da Confraria da Broa de Avintes, participo nos Fóruns Avintenses já há alguns anos, gosto muito, mas mesmo muito da broa, da genuína, mas nada disso faz com que deixe de ser um estranho ou mesmo um «estrangeiro», já que resido do outro lado do Rio, já fora dos muros do Porto.

Agradado fiquei, porque este convite significa um gesto de grande amizade e generosidade do Presidente Mário Gomes, ao qual não soube dizer que não.

No entanto, quando me pus a meditar sobre o que vos iria dizer, e sobretudo o que iria evocar convosco e a mensagem que vos queria transmitir, ocorreu-me algo, de uma responsabilidade perfeitamente arrasadora – é que só daqui a 1111 anos, creio que a maior parte de nós já não estará cá, é que se poderá fazer uma celebração idêntica, isto é, um aniversário com quatro dígitos todos iguais.

Já antecipo as vossas reacções – o tipo não tem nada para nos dizer e está a entreter-nos com questões de «lana caprina», como sói dizer-se.

Ora se começo por esta verificação, que é uma verdade absoluta, é exactamente porque esta é uma ideia que quero desenvolver convosco – a importância, ou não, das datas.

Em História as datas têm bastante importância, ainda que uma corrente, hoje cada vez mais posta de parte, tivesse, lá pelo meio do século passado, querido minimizar, demasiado, digo eu, a importância das datas e a importância dos indivíduos no fazer História.

As datas são obviamente importantes. Se a namorada não recebe o telefonema ou hoje mais frequentemente o SMS do namorado a dar-lhe os parabéns, namoro acabado. Se o imposto não é pago até à data limite, multa ou penhora em cima do faltoso.

Por outro lado as datas podem ser incómodas. Queremos é esquecer aquele dia em que sofremos um certo revés. Ou aquelas senhoras que a partir de determinada idade «esquecem» o seu aniversário...

Assim, estamos hoje aqui a celebrar duas datas. Uma delas é evidente, certa, correcta, incontroversa – a da elevação de Avintes a Vila. A outra, duvidosa, problemática, incerta – a do «aniversário» de Avintes.

Creio que é importante assumirmos isto, já que, tal como veremos a seguir, este facto em nada diminui a importância da Terra nem impede as celebrações. É como se fosse muito importante que o Lisandro López, melhor marcador do Futebol Clube do Porto, em vez de fazer anos a 2 de Março fizesse um mês antes ou um mês depois, ou se em vez de 23 anos (faz amanhã 24) tivesse mais um, ou menos um. O que importa é que ele é o melhor artilheiro azul e branco e do campeonato.

Tal como acontece com Avintes, o importante não é serem 1111 anos, ou mais ou menos uns quantos. O importante é, por um lado, haver motivos para festejar. E há muitos, como veremos adiante. E por outro que haja possibilidade e vontade de festejar. E há, uma e outra, bem corporizadas nos seus órgãos autárquicos e nos seus autarcas, nas suas colectividades e nos seus associados, na sua Escola e na sua comunidade escolar, em suma, em toda a massa humana que preenche o dia a dia desta progressiva Vila.

Posto isto, vamos ao que interessa.

Procurarei fazer um breve voo de pássaro sobre o rico passado de Avintes, aludindo apenas a alguns factos que reputo de marcantes, até chegar ao seu presente. E, porque não?, atrever-me-ei mesmo a perspectivar algumas linhas de um futuro próximo.

E este voo do pássaro será, não o esqueçam, o de um estranho. Que, por isso, tem a sua bitola e o seu modo de encarar as coisas. Se, por vezes, não for concordante com o vosso, penitencio-me por isso. Se esquecer algo importante também.

### **A «paternidade» de Avintes e Gundesindo**

«No ano de 897 fez Gundesindo uma amplíssima doação ao Mosteiro duplex de S. Salvador de Labra que estava fundado *ab antiquo in ripa maris*, não longe de Matosinhos, e no qual sua filha Adosinda se havia feito religiosa» Quem assim escreve é Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu «Elucidário». E diz mais a certo ponto «Que ficando viúvo Gundesindo, ele e sua filha Adosinda fundaram o mosteiro de S. Marinha de Avintes, ao qual doaram esta mesma vila».

O grande Alexandre Herculano, nos *Portugalia Monumenta Historica* transcreve assim o documento em questão: «... e tocou em partilha às minhas filhas Ermesinda e Adosinda a aldeia de Avintes nas margem do rio Douro; e esta Adosinda casou com Ansur Benfrogia sem meu consentimento; e Ansur morreu sem me deixar filhos; e fundamos um mosteiro naquela aldeia, da invocação de Santa Maria, ao qual demos a mesma aldeia inteira».

Osório Gondim esgrime um conjunto de argumentos comparativos a favor de uma datação diferente, propondo um avanço de trinta anos. Explica-o pelos factos relatados e pelo nome das pessoas constantes do documento e pela sua fraseologia, o que, segundo ele é até consistente com um eventual erro por omissão do escritor que, se tivesse esquecido de uma «aspas» num X, mudaria o seu valor para o tradicional 10, no que de contrário seria 40. Teríamos assim, segundo este autor, que o documento teria sido produzido não na era de 935, correspondente a 897, mas na de 965, correspondente a 927.

Se admitirmos que a base da «certidão de nascimento» de Avintes é este documento na sua leitura anterior, e se aceitarmos a cronologia de Gondim, estaremos de novo a festejar esta data daqui a 30 anos.

Ana Filomena Amaral, a outra autora de uma monografia sobre Avintes, confundindo aqui e ali Herculano e Viterbo, apresenta no entanto em apêndice o fac-símile e a transcrição do documento. E, mais importante, chama claramente a atenção para o facto de ele ter sido mal copiado quer na *Benedictina Lusitana* quer na *Crónica da Companhia de Jesus*.

Transcrevendo um trecho de José Matoso, que se socorre de Avelino de Jesus da Costa, Sánchez-Albornoz e Dieter Lange, cada um formulando uma data, a autora acaba por concordar com o período entre 914 e 924 como data provável.

Temos então a hipótese Gondim, 927, a de Sanchez-Albornoz, 914-924, a de Lange, 947 ou 937, e o mais que adiante se verá. Sim, porque as coisas não vão ficar por aqui.

Então em que ficamos, perguntar-me-á a paciente assistência. Pois ficamos em 2008, que é o melhor...

Vejamos. Qual é a real importância deste documento? É a primeira vez (até agora conhecida) que se faz menção a Avintes. Isso é que é importante. Porque este documento não é a certidão de nascimento de Avintes. É a primeira notícia do seu nome.

Claro que Avintes já era habitada há muito tempo. Provavelmente desde a Pré-História. Aí sim, terá sido o seu nascimento. E a sua «infância» deu-se certamente com Castrejos e Romanos. Depois, terá crescido um pouco com Suevos e Visigodos. E na Alta Idade Média temos Gundesinde a fixar-lhe o nome.

Depois, voltamos a saber de Avintes através das Inquirições de D. Afonso III. Avintes era, em 1258, um reguengo, isto é, pertencia ao rei. Incluída no Julgado de Gondomar estava, e está, como é sabido, na margem sul do Douro. Os inquiridores não atravessaram o rio, justificando-se com o facto de «morando estes homens a sul do Douro não moravam no termo da nossa inquirição». Pagava a vila de direitos ao rei sete moios de pão, sete quartas de vinho e sete capões.

Em 1284, ou 88, há discrepância neste facto, é D. Dinis quem manda «tirar o retrato» aos seus domínios, e por isso, a referência à freguesia de Avintes, nova realidade administrativa substituindo as vilas. A terra, que fora de D. Gil Vasques, era honrada, isto é, tinha um estatuto especial, e nela não entravam por isso nem porteiros nem mordomos. É quase como se hoje houvesse uma determinação que proibisse a entrada em Avintes dos cobradores de impostos e a ASAE.

Vários documentos desta época se referem a Avintes, como por exemplo um prazo de 1308 que arrenda por três vidas um casal em Soutulho na Honra de Avintes, pela quantia anual de 8 libras a pagar em duas partes, uma pelo Natal outra pela Páscoa.

Nova referência em 4 de Março de 1390 na acta da vereação do Porto, em que Avintes surge já integrada no Julgado de Gaia, e onde na, Carta do Privilégio de Gaia, se permite aos e às avintenses liberdade de passagem e circulação nas vendas que faziam, nomeadamente de peixe.

Em documento idêntico, de 12 de Março de 1393, nova referência a Avintes; queixa de que os barqueiros de Avintes, Valbom, Campanhã e Guimarães vendiam os sáveis e as lampreias a muitos regatões e recoveiros de fora da cidade, desviando-os do que deveria ser a sua finalidade principal: o grande mercado da época que era o burgo medieval portuense, garantindo-se assim o abastecimento da «grande cidade».

Ora podemos verificar assim que muito embora a documentação não seja abundante, temos o suficiente para traçar a radiografia da Avintes medieval. Terra progressiva, terra de pão e de peixe, terra de barqueiros e barqueiras que atravessavam o rio, terra de gente que vendia para o porto, terra honrada (em dois sentidos, digo eu, honrada porque foi constituída como honra e honrada porque habitada por gente honesta e trabalhadora.

Uma questão que me intriga, a mim que sou um estranho e que não tenho grande investigação feita sobre esta época - o Couto de Avintes passou em 1487 para a família dos Brandões por doação de D. Francisco de Sousa, abade de Santo Tirso. As propriedades dos Brandões passaram para os Almeidas por via feminina. E assim se chega a D. Luís de Almeida, primeiro Conde de Avintes. Tudo bem. Mas parecem dizer-nos os documentos que Avintes começou como reguengo, era uma Honra, e acaba num Couto. Sabe-se que as

honras eram terras imunes que pertenciam a nobres, e a sua imunidade decorria normalmente do cargo do nobre, e que os coutos eram áreas privilegiadas concedidas pelo rei a alguns nobres e sobretudo a mosteiros. Assim, falta-nos conhecer como se deu a transformação da Honra de Avintes no Couto de Avintes. Eis uma ponta solta que é preciso atar.

Outra data significativa, em termos simbólicos, é claro, é a de 1742, gravada na Pedra da Audiência, um dos mais célebres monumentos de Avintes. Muito embora não seja exemplar único, há até bastantes bem conservados, é dos poucos que possui uma datação exacta e creio que é o único classificado como monumento nacional. Nestes lugares, por vezes à sombra de frondosas árvores, como aqui acontecia, uma espécie de tribunal popular de primeira instância, em que tinham assento o Juiz do Couto, o Escrivão e o Meirinho, se apreciavam e julgavam questões internas.

Passa o tempo e Portugal sofre a ambição napoleónica desmedida. As Invasões francesas no entanto respeitam Avintes. Ou, ao menos, a sua posição como produtor essencial de broa, já que a pouparam do saque, com excepção do da Igreja, para que pudesse continuar a fornecer o pão à cidade do Porto.

As guerra civil conheceu aqui várias escaramuças. Aqui estiveram aboletados muitos soldados miguelistas. De recontros ocasionais conhece-se pelo menos uma vítima, no dia em que se rompeu o cerco do Porto.

De 16 de Maio de 1832 a 28 de Fevereiro de 1837 criou-se e funcionou o Concelho de Avintes. De existência atribulada, como todos os que nasceram nestas circunstâncias, de duvidosa sustentabilidade, como todos os que surgiram fruto de impulsos de ocasião, não teve vida fácil. Por isso é justo lembrar aqui o nome dos três timoneiros que, nesse curto período, estiveram ao lema da nau avintense - António Francisco Aleixo. José Barbosa de Oliveira e Lourenço Fernandes Moura.

E, finalmente, em 1988 foi Avintes elevada a Vila, um preito de reconhecimento pelo seu desenvolvimento.

Meus amigos, creio que, no que toca a evocações históricas, melhor é ficar por aqui. Já estamos num período muito perto de nós. Nós mesmos, ou os nossos pais ou os nossos avós fomos protagonistas deles e, por isso, creio que será melhor que me ouçam noutra perspectiva – a de um estranho que vê a Avintes de hoje e de amanhã.

Para além da broa, confesso, as minhas atenções por Avintes começaram com a comemoração dos 1111 anos. Aqui para nós que ninguém nos ouve, para além da justeza da celebração, foi um golpe de marketing extraordinário e com um enorme sucesso. Creio

que não há estudos sobre isso, mas se e quando se fizerem tenho a certeza que Avintes passou a ser muito mais conhecida da comunidade em geral com estas comemorações. Por isso, e já que estamos em maré de evocações, também é justo lembrar aqui os nomes de Alberto da Silva Coutinho, Américo Augusto Preto Esteves, Cipriano da Fonseca e Castro, Daniel Monteiro de Sá Figueiredo, Dionísio de Castro Alves Pereira, Joaquim Coimbra Soares da Silva, Joaquim Costa Gomes, José Fernando de Oliveira Vaz, José Manuel Nunes Araújo, Manuel de Araújo Castro, Manuel Franklin Martins Cardoso, Manuel Leites dos Santos e Manuel Pereira da Silva. Uns estão ainda connosco, outros não, mas todos eles foram fundamentais no ressurgimento cultural de Avintes, cuja força motriz ainda hoje nos move a todos.

Caminhemos então para a Avintes de hoje, e para o fim desta minha intervenção, porque a última coisa que queremos para os amigos é maçá-los.

Avintes é uma terra rica. É uma terra riquíssima.

O quê, perguntarão vocês. Descobriu-se petróleo no Areinho? Diamantes Além do Ribeiro? Ouro em Cabanões? Nada disso. Essas são riquezas efémeras e podem ser bem nocivas. Vede o que o petróleo trás à economia mundial, vede que até serve para justificar a subida do pão em 50%. Vede o que acontece com os chamados diamantes de sangue e quantas mortes violentas eles representam. Vede o que acontece com as vítimas do garimpo no Brasil ou das minas a céu aberto na África.

Não, a riqueza, a enorme riqueza de Avintes é outra. É a riqueza da sua Terra e das suas Gentes.

É rica, muito rica, a Terra que tem como cronistas e defensores do seu passado pessoas como Inocêncio Gondim, como Ana Filomena Amaral e como Joaquim Costa Gomes. As suas obras constituem para todos, os que já cá estão e os vindouros, um verdadeiro farol nesta neblina da falta de referências. São peças fundamentais da nossa identidade.

É rica, muito rica, a Terra que tem uma Autarquia local, e uns autarcas, com sensibilidade e vontade para lidar com questões de índole cultural e da área da acção social, como estes executivos têm sabido fazer. É notável, não posso nem quero negá-lo, a actividade que a Junta de Freguesia liderada pelo Mário Gomes tem prosseguido neste domínio. Conheço muitas Câmaras ao longo do País que não fazem metade. O apoio à Festa da Broa e a realização do Fórum Avintense são apenas duas das jóias da coroa dessa actividade. E não é por acaso que as refiro aqui. É que a par com as obras dos autores já referidos, as comunicações do Fórum, vertidas para actas, constituem um referencial

identitário que Avintes tem e que muitas outras freguesias e concelhos deste país deviam aspirar a ter.

E a prova desse interesse e desse trabalho, já que falamos de História, é o apoio da Junta de Freguesia à nova História de Avintes, liderada por Francisco Barbosa da Costa, Historiador de créditos firmados, e a quem eu chamo, carinhosamente, cronista-mor de Gaia e Sul do Douro, e por José Vaz, um avintense emérito.

Rica, riquíssima, é a Terra que tem, nas artes e nas letras, filhos eméritos tais como Adriano Correia de Oliveira, nome maior entre os maiores na canção de intervenção e na canção de Coimbra. Ou como José Vaz na literatura infanto-juvenil e não só e, agora, também pelas pradarias de Clio na nova História de Avintes. Ou como, nas artes plásticas, os Escultores António Fernandes de Sá, o do rapto de Ganimedes da Praça da República, Henrique Moreira, o de Camilo, do Monumento aos Mortos da Grande Guerra e da Menina da Avenida dos Aliados ou Manuel Pereira da Silva, o do Atleta de Avintes e do Lavrador de Gulpilhares.

Rica, riquíssima, é a Terra que possui estruturas como o Parque Biológico e a Quinta de Santo Inácio. Elas representam um futuro melhor.

Rica, riquíssima, é a Terra onde o associativismo, tradição secular, está pujante. Onde, com alegrias e tristezas e muitas dificuldades, como sempre acontece, subsistem colectividades como a Associação de Socorros Mútuos “A Restauradora”, a União Académica de Avintes, a Associação dos Amigos do Parque Biológico, o Clube Recreativo, a Ilha Mágica, Associação para a Infância e Juventude, os Bombeiros Voluntários de Avintes, a Sociedade Columbófila, os Escuteiros, o Futebol Clube de Avintes, a Confraria da Broa de Avintes, A Banda Musical, a Audientis, o Rancho Folclórico e tantas outras, de hoje e de ontem, que poderíamos citar se o tempo e a falta de memória o não impedissem.

Rica, riquíssima, é a Terra que possui uma casa com o peso histórico e o significado cultural do Teatro Almeida e Sousa, muitas vezes maltratado e vilipendiado no seu altaneiro passado, que olha para nós do alto dos seus cento e doze anos.

Rica, riquíssima, é a Terra que se pode orgulhar de ter tantos e tão bons «emprestadores da Alma», como chamou José Vaz aos actores amadores que são o motor e a razão de ser dos Plebeus, do Mérito, do Dramático, e de muitos outros que, indo e vindo na voragem dos tempos, fazem de Avintes, sem nenhum favor, a capital nacional do teatro amador.

Rica, riquíssima, é a Terra que pode contar com uma Gente extremamente criativa, como provam os muitos artesãos que Avintes tem. Expoente máximo desse trabalho notável serão os Cascadeiros e, destes, avulta a figura do lendário Tuta, figura nacionalmente conhecida nestas lides artesanais.

Muita gente, muitos grupos, muitas instituições não estão aqui referidas e eventualmente deveriam estar. Assumo as minhas culpas nisso e peço que me relevem a falta mas, recordem-se, não sou de cá, e transmito aquilo que me fica de contactos directos que tenho com Avintes e as suas gentes.

Disse no início, e vou cumpri-lo para terminar, que iria falar do futuro.

Se Avintes é, como venho dizendo, Terra rica, riquíssima, o que lhe falta?

Muito com certeza. E por isso não é ainda ocasião para que o Mário Gomes e os seus colaboradores pensem em «férias de longa duração».

Defendo, não só para Avintes como para a minha Maia, uma contratualização virtual entre autoridades, população e instituições, que leve a um desenvolvimento verdadeiramente sustentado, assente no conhecimento do passado e na preservação do que desse passado chegou ao presente.

O ambiente é o nosso kit de sobrevivência. Sem ar e água em condições, pereceremos a breve trecho. É fundamental sensibilizar e educar. Eis uma das prioridades para o futuro.

A juventude é outra aposta fundamental. Para além dos currículos escolares, é fundamental dar-lhes outras actividades que complementem a sua formação. Uma contratualização virtual entre Câmara, Junta de Freguesia, Escolas, Banda, Grupos de Teatro amador, etc. daria aos nossos jovens uma formação muito mais abrangente, conferindo-lhes uma sensibilidade mais apurada.

É preciso também conhecer e cuidar do que os nossos antepassados nos legaram. Tem Avintes rico e vasto património, do natural ao construído, passando pelo etnográfico. É fundamental proceder a um inventário sistemático. Há avintenses, pessoas e associações, capazes de o fazer. Eis outro aspecto a ser contratualizado. E que é fundamental para, tendo conhecimento da nossa importância, elevarmos a nossa auto-estima.

Outro, que me parece prioritário, deriva directamente deste.

Falamos da Broa de Avintes. Falamos de três importantes escultores. Falamos de teatro amador. Falamos de cascadeiros. Eis quatro pólos museológicos, entre muitos outros, que se desejam e que urgem.

Um grande «museu dos avintenses», distribuído por vários pólos, em edifícios recuperados, que englobasse estas e outras valências, que fosse atractivo, bem pensado, uma verdadeira janela aberta de Avintes para o mundo.

Eis uma obra que seria sem dúvida emblemática, importante, fundamental, mesmo uma questão de sobrevivência no futuro.

É que uma geração que despreza o passado e que não o utiliza para gerir melhor o presente, não ganha o seu lugar no futuro.

Estou convencido que não é isto que vai acontecer.

Com estas gentes, com estas instituições, com estes autarcas, a aposta de Avintes no futuro já está ganha.

Muito obrigado.

Avintes, 2008-03-01

Maia Marques\*

-----

*\* Curriculum Vitae (muito resumido) do Prof. Maia Marques*

*Licenciado em História*

*Mestre em Antropologia*

*Doutoramento em História*

*Professor no ISMAI (Instituto Superior da Maia)*

*Director do Departamento da Cultura – Câmara Municipal da Maia*

*Sócio de várias organizações científicas nacionais e internacionais*

*Membro da Confraria da Broa de Avintes*

*Participante com comunicações há mais de 10 anos no Fórum Avintense*

*Um “amigo” de Avintes*